



**CRIANDO REALIDADES: JORNAIS E RELAÇÕES RACIAIS SEGUNDO
LILIA SCHWARCZ**

Hilton Costa, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

Micheli Longo Dorigan, Universidade Estadual de Maringá, Bolsista PIBIC-CNPq, Maringá-PR, Brasil.

contato: hcosta@uem.br
michelidorigan@hotmail.com

RESUMO

Em 1987 veio a lume *Retrato em Branco e Negro*, o primeiro livro de Lilia K. M. Schwarcz, proveniente de sua dissertação de mestrado em Antropologia Social realizada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A referida obra pode ser alocada dentro de um conjunto maior de investigações que, em grande medida, apresentaram outras direções para os estudos acerca da população negra no Brasil, notadamente inserindo a capacidade de agência desta população em uma posição de destaque, algo pouco comum até então. A investigação que aqui se apresenta em bases iniciais se justifica pelo fato de Lilia K. M. Schwarcz ser na contemporaneidade uma referência das mais relevantes ao estudo das relações raciais no Brasil. A metodologia adotada fundamenta-se nas considerações de Pierre Bourdieu sobre o contexto de produção do conhecimento e nas observações de John Pocock a respeito do vocabulário normativo de um dado momento. Pretende-se assim indicar como em *Retrato em Branco e Negro* a população negra tem a sua agência reconhecida, bem como apresentar um primeiro esforço de compreensão da forma como a autora construiu sua análise sobre as relações raciais no Brasil.

Palavras-chave: Pensamento Social. Relações Raciais. Lilia Schwarcz.



UM RETRATO EM BRANCO E PRETO

A partir da análise dos anúncios e da verificação de uma outra dimensão que não só a pragmática, podemos perceber também como o elemento negro parece cumprir trajetórias, já que vai passando de humilde e ainda saudável a degenerado – primeiro física e depois moralmente. Além disso, aos poucos substituem-se e justapõem-se antigas imagens por novas, mais adaptadas talvez ao próprio momento: ao lado da imagem do preto humilde, servil, amigo dos brancos, vai surgindo a do negro traiçoeiro, fujão e ladrão. (SCHWARCZ, 1987, p. 150).

Retrato em Branco e Negro, de 1987, é o primeiro livro de Lilia K. M. Schwarcz, resultante da sua dissertação de mestrado em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); esta obra integra um conjunto maior de pesquisas realizadas nos anos 1980 que construíram novos rumos para os estudos sobre a população negra no Brasil. O presente artigo é uma primeira incursão, parte de um esforço maior a ser realizado de investigação da obra da autora. A intenção aqui é desenvolver um movimento inicial de compreensão de como a autora construiu sua análise das relações raciais no Brasil. A motivação de investigar a obra de Schwarcz reside, em grande medida, no fato dela ser, na contemporaneidade, uma referência fundamental ao estudo do tema. Para a realização desta incursão inicial optou-se por uma abordagem metodológica baseada nas considerações de Pierre Bourdieu acerca do contexto de produção do conhecimento, bem como em John Pocock acerca do vocabulário normativo de um momento dado. Para este trabalho, além da obra *Retrato em Branco e Negro* foram observados alguns artigos publicados pela autora entre o referido texto e o lançamento de *O espetáculo das raças*, em 1993.

Retrato em Branco e Negro veio a público em fins dos anos 1980, momento em que a sociedade brasileira vivia um contexto de transição importante. Findava-se o regime autoritário que perdurou por 25 anos, vivia-se uma crise econômica das mais intensas, e concomitantemente a esperança circulava: a eleição presidencial de 1989, a primeira com voto direto em mais de duas décadas, em grande medida era vista como o



ponto de partida para um novo Brasil, de estabilidade econômica e política.¹ Contudo, as ações e o consequente desfecho do primeiro mandato presidencial eleito pelo voto direto levaram o país a mais um momento de incerteza.

No que tange à vida intelectual, desde o final dos anos 1970 tem-se o retorno gradual de intelectuais ao país. Voltando de exílios forçados ou voluntários, essas pessoas trazem de suas experiências fora do país não só novas leituras de uma bibliografia já conhecida no Brasil, mas também novas autoras e novos autores. Tal situação, combinada à abertura política, permitiu a circulação de novas possibilidades teóricas e metodológicas e a constituição de novos olhares para problemas seculares da sociedade brasileira. A escravidão, a presença negra e as relações raciais no Brasil são temas que foram diretamente atingidos por estes novos olhares.

No que toca às temáticas citadas, uma instituição ocupou e ainda ocupa lugar central: a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Esta universidade no interior do Estado de São Paulo pode ser notada como um dos centros de irradiação, por exemplo, da leitura de Edward P. Thompson no Brasil. A UNICAMP não foi o único centro de leitura deste autor no país, todavia, nesta instituição houve certo encontro da discussão de Thompson acerca da formação da classe operária na Inglaterra com os estudos sobre o escravismo e as relações raciais no Brasil. Esta situação possibilitou a constituição de novos olhares para as referidas temáticas. A guinada nestes tipos de estudos está, sobretudo, no *insight* oriundo dos escritos de Thompson, que não nega a agência da pessoa escravizada, bem como da pessoa oriunda do cativo.

Nesta direção, concorda-se com as considerações de Adriano Braz Maximiano:

¹Esta passagem é versão modificada de trecho de igual teor presente em COSTA, Hilton. (2018a). Não sejamos aquilo que desejem que sejamos. Comunicação apresentada no *IX Seminário Nacional Sociologia e Política – Desenvolvimento e Justiça Social: Perspectiva da Sociologia no século XIX*. GT 06 Pensamento Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, de 16 a 18 de maio de 2018; e em COSTA, Hilton. (2018b). Não sejas o que lhe desejam que sejam. Comunicação apresentada no *I Seminário de Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Democracia*. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, de 06 a 08 de junho de 2018.



Os autores aqui considerados revisionistas criticam as proposições defendidas por aqueles pertencentes à Escola Paulista, e dizem, ao contrário destes últimos, trazer a cena dos escravos enquanto sujeito da história. Para Sidney Chalhoub, Célia Maria Marinho de Azevedo e Maria Helena Machado, o que se torna digno de nota é a percepção de que o escravo participou efetivamente do processo abolicionista. Os escravos e suas ações surgem como os atores e causas principais da derrocada da escravidão. Aqui os mesmos possuíam formas de ler e interpretar o mundo, criando “visões” e significados acerca de suas condições sociais e lutando para as conquistas alcançadas. (MAXIMIANO, 2012, p. 5-6).

Ainda segundo Maximiano:

Diferentemente das análises daqueles que se ligam a Escola Paulista, os autores por ora em questão consideram os escravos pertencentes a uma classe, e foi a luta desta classe com a classe dos senhores proprietários que desenhou o cenário abolicionista e as relações posteriores. O grande pólo dinamizador deixa de ser a relação externo-interno, passando a ser a luta de classes entre escravos e senhores proprietários. Tem-se ainda a proposição de que aquilo que se forma após a escravidão não se desliga totalmente desta e do processo abolicionista, incluindo as políticas discriminatórias e as experiências quanto ao trabalhador assalariado e a liberdade do indivíduo. A argumentação é de que os autores anteriores trabalhavam com uma perspectiva que buscava perceber as rupturas na história, demarcando a possível busca por um devir. Assim, o que surge após a escravidão seria a sociedade assalariada e suas relações. A grande crítica é que esta maneira de abordar o passado não permitia a inserção do sujeito na história. (MAXIMIANO, 2012, p. 6).

O espaço escolhido por Lilia Schwarcz para fazer o seu mestrado em Antropologia Social estava marcado por este contexto intelectual. Como destacado por Marisa Corrêa, em artigo posto a sintetizar a história do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP:

O trabalho de Verena com mulheres que trabalhavam nas plantações de cana de Campinas foi decisivo para a implementação dessa influência, como ela lembra. “à medida que eu ia recolhendo histórias de vida e trabalhando com



documentos históricos para chegar a estabelecer uma continuidade entre os anos 1980 e os anos 70 em Campinas, fui percebendo do que se tratava realmente. É não só, em abstrato, tentar introduzir uma perspectiva histórica na Antropologia – uma Antropologia que era realmente a-histórica na época, funcionalista – nem tampouco acrescentar uma espécie de introdução histórica depois de fazer o típico estudo de caso, mas introduzir a dinâmica histórica através da análise dos sujeitos e das sujeitas que fazem a história. Então, nesse momento, o Peter Worsley me disse uma frase que achei ótima, porque resume muito bem o problema. Ele diz, com toda a razão, que convencionalmente a História conta eventos, fatos, sem gente. Acontecem batalhas, revoluções etc., mas não tem sujeitos – salvo para alguns historiadores como E. P. Thompson, E. Hobsbawm e os marxistas. Enquanto que a Antropologia tem escrito interminavelmente sobre gente sem história. Então a questão é juntar a história com os sujeitos.” Essa perspectiva foi reforçada pela criação, mais tarde, de um Departamento de História no Instituto e pela influência recíproca das duas disciplinas no panorama mais geral das pesquisas em Ciências Humanas. (CORRÊA, M. disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/antropologia/historia>).

Acerca das dimensões do impacto da leitura de E. P. Thompson nos estudos sobre o escravismo e as relações raciais no Brasil, e circulação deste referencial na UNICAMP, é algo que requer maior investigação; contudo, uma primeira averiguação indica que o caminho aqui adotado não parece ser de todo equivocado.² Lilia Schwarcz indica em *Retrato em Branco e Negro* a posição que ela atribuía à produção da UNICAMP:

(...) crítica e renovadora tem sido a atual produção do grupo de historiadores UNICAMP que, a partir de uma série de estudos cujo eixo central é a passagem da mão-de-obra escrava a livre, vem elaborando reflexões sobre a organização do mercado de trabalho livre e a ética do trabalho burguês, com seu universo

² A intenção é, no avançar da pesquisa, por exemplo, verificar os programas das disciplinas dos anos 1980 para observar ou não a presença dos textos de E. P. Thompson.



disciplinar, que se instaura mais claramente no Brasil em finais do século XIX. Nesse sentido destacam-se os trabalhos de A. Gebara, M. Alice Carvalho Franco (1983), Célia Marinho de Azevedo, Peter Eisenberg e Sidney Chaloub, entre outros. (SCHWARCZ, 1987, p. 29).

A este trecho está atrelada esta nota:

Boa parte destes trabalhos tomam como referência de análise os estudos de E. P. Thompson sobre a sociedade inglesa e o surgimento da classe operária nos séculos XVII/XVIII, elaborando e tendo como resultado uma produção que questiona de forma radical os trabalhos da já tradicional escola paulista de sociologia. (SCHWARCZ, 1987, p. 263-4).

Ademais, a autora, no primeiro capítulo de *Retrato em Branco e Negro*, fornece informações do contexto de onde emergiu sua obra. Diz ela existirem duas posições básicas acerca dos estudos sobre escravidão e a população negra no Brasil naquele momento: “a primeira, que acentua o caráter passivo e dócil do negro, e a segunda, que, ao tentar refutar a primeira, termina por cair no outro extremo, fazendo do escravo negro um verdadeiro herói.” (SCHWARCZ, 1987, p. 20). A vertente da autora seria outra, que não iria a nenhum dos dois extremos, mas que reconheceria a população negra e a escravizada na condição de agente, jogando com as possibilidades, mesmo que limitadas, de ação. Ela diz ser o intuito de *Retrato em Branco e Negro*:

No entanto, pelo menos no interior deste livro, como vimos, o que importa não é como discutir e optar pela qualificação do escravo como "dócil" ou "rebelde", como elemento ativo ou passivo no interior do movimento abolicionista, mas antes pensar a rebeldia, ou melhor, a forma como "se fala e representa" a condição negra e a rebeldia. (SCHWARCZ, 1987, p. 22).

A despeito desta intenção defendida por Schwarcz, *Retrato em Branco e Negro* permite perceber outras situações e possibilidades: a que interessa aqui é a compreensão de como a autora construiu sua análise das relações raciais no Brasil.



UM MUNDO SEGUNDO OS JORNAIS PAULISTAS OITOCENTISTAS

[...]. As leis de imprensa no Estado Nacional Brasileiro acompanharam a própria evolução do jornalismo como um todo e traduziram os diversos momentos políticos pelos quais passou o país. [...]. (ALVES, 2004, p. 10).

Nas últimas décadas, um dos temas mais discutidos da historiografia contemporânea é o uso de jornais como fonte e objeto de pesquisa, por virem ocupando espaços e se disseminando como ferramenta fundamental nos campos de ensino e pesquisa. Tal interesse na imprensa, contudo, só se deu recentemente, sendo reconhecido seu valor real apenas com a revolução no interior da disciplina de História, na década de 1970, de onde emergiram novas tendências historiográficas, a fim de incorporar novos problemas, objetos e abordagens, redimensionando a História para o campo social e cultural.

Nesse sentido, os estudos relativos à imprensa surgem como uma possibilidade de estudar e interpretar fatos e eventos passados, assim como compreender processos no interior de uma sociedade que dificilmente apareceriam de forma tão detalhada em outros tipos de fonte. Além disso, o novo olhar dado à imprensa no espaço acadêmico se deu fortemente a partir da relação da própria imprensa com a História do Brasil desde o início do século XIX. Nesse contexto, os jornais eram entendidos como importantes agentes de formação e construção dos processos sociais, políticos e econômicos, constituindo-se como forças ativas, políticas, veículos formadores de opiniões, que podiam orientar o rumo das decisões na sociedade.

Essa postura pode ser localizada na reflexão que Lilia Schwarcz apresenta ao público em *Retrato em Branco e Negro*; nesta obra, a autora utiliza os jornais como fontes principais a fim de compreender o imaginário social sobre o negro e a sua condição na cidade de São Paulo no final do século XIX. Nas palavras de Schwarcz, “(...) os jornais são aqui entendidos, primeiramente, enquanto ‘produto social’, isto é, resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas”. (SCHWARCZ, L. p 15).



Consciente do uso de tais fontes, Schwarcz as relaciona ao contexto de sua produção, atentando para o cruzamento com outras fontes. Assim, o conteúdo dos periódicos é tratado não como expressões verídicas, mas como a interpretação dos fatos por determinado grupo. (SCHWARCZ, 1987, p. 17). Nessa lógica, a autora analisa a imprensa de São Paulo nos finais do século, como palco das principais discussões da época. Duas questões seriam, para a autora, as principais: 1 – o problema do negro, em meio ao processo abolicionista; 2 – as mudanças no regime político, com o advento da República. Tais questões se entrelaçam, é fato, na dinâmica estabelecida de construção e manipulação da representação da população negra cativa, liberta, livre e depois cidadã. O debate sobre tais questões carregava consigo embates entre os grupos dirigentes.

Temas como a raça, a cidadania e a igualdade eram tratados na cidade de São Paulo com base “em novas ideias”; o positivismo e o evolucionismo ganharam destaque e repercutiram na imprensa do final do século, com os discursos deterministas sobre a inferioridade negra, agora afirmada via “sciência”, aparecendo não só nos grandes debates mas também nas pequenas seções que compunham as partes básicas e cotidianas dos jornais (SCHWARCZ, 1987, p. 40). Logo, tem-se a imprensa como reflexo e produtora de valores, posturas e verdades, de modo a poder ser pensada nos tons irônicos de Lima Barreto como a “Onipotente imprensa, o quarto poder fora da constituição”, tendo o poder de “tudo publicar e a todos ferir” (SCHWARCZ, 1987, p. 52-3).

AS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL EM *RETRATO EM BRANCO E NEGRO*

Nas Américas, em particular, a escravidão na grande lavoura foi ao mesmo tempo um sistema de trabalho, um modo de dominação racial e a base para o surgimento de uma classe dominante bem caracterizada.



A sua derrocada, portanto, colocou em questão problemas dos mais fundamentais acerca da economia, da sociedade e da política. (FONER, 1988, p. 17).

Na obra *Nada além da liberdade*, Eric Foner foi definitivo em afirmar que a escravidão nas Américas se constituiu em mais do que um sistema de produção de mercadorias. Ela definiu sociedades em termos dos seus arranjos, criou visões de mundo que foram trabalhadas tanto pelo senso comum quanto pelos pensadores daquele contexto, de modo a ficarem cravadas na consciência coletiva. De maneira que a crise e o conseqüente fim do sistema escravista consistiram em mais do que o término de uma forma de produzir mercadorias: ele foi a crise de uma maneira bem estabelecida de ver o mundo, a sociedade e as relações sociais.³

Esta situação, em grande medida, está discutida em *Retrato em Branco e Negro*: a forma como os periodistas retratavam e noticiavam a escravidão e sua crise, bem como a população negra, revela este baque em uma forma de ver o mundo. Assim, o fim do escravismo pairando no horizonte e o seu posterior fim, para o caso brasileiro, em especial, trouxe uma situação nova que se procurou tratar em termos antigos. O fim do século XIX apresenta-se nestes termos: nada novo e tudo novo concomitantemente, no que diz respeito às relações raciais. O tudo novo seria o fim do escravismo, o fim da Monarquia, o início da República – com suas promessas de igualdade e de fim dos privilégios – e o nada novo seria a vontade de manter as antigas premissas sob o novo ordenamento. Sendo assim viável inferir que um retrato das relações raciais no Brasil para o período (com alguma continuidade na contemporaneidade) seria justamente a manutenção do antigo no novo.

³ Esta passagem é versão modificada de trecho de igual teor presente em COSTA, Hilton. (2018a). Não sejamos aquilo que desejem que sejamos. Comunicação apresentada no *IX Seminário Nacional Sociologia e Política – Desenvolvimento e Justiça Social: Perspectiva da Sociologia no século XIX*. GT 06 Pensamento Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, de 16 a 18 de maio de 2018.



Retrato em Branco e Negro colabora, sobremaneira, para a compreensão de tal situação. As falas extraídas dos periódicos possuíam uma ênfase relativamente variável acerca da temática em questão, mas assim mesmo revelam um padrão: a procura incessante de se manter um regime de cunho estamental, altamente hierarquizado, na transição para um mundo supostamente de iguais inaugurado pela República de 1889. Essa era a realidade, o mundo a se criar e que, em alguma medida, se criou. A adesão às teorias raciais no início da República parece ser um indicativo importante desta situação; Schwarcz trabalha nesta direção (SCHWARCZ, 1987, p. 39-40).

Pierre Bourdieu, no texto *A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual*, publicado no Brasil no livro *A economia das trocas linguísticas*, apresenta de maneira bastante nítida uma ferramenta útil para compreender como Lilia Schwarcz pensou as relações raciais na obra *Retrato em Branco e Negro*. A ferramenta indicada por Bourdieu é o *efeito de teoria*. Para o autor,

Em resumo, a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito de teoria que, ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social, contribui para fazer a realidade desse mundo (...). (BOURDIEU, 2008, p. 82).

A indicação de Bourdieu remete ao fato de que as teorias que explicam o mundo colaboram também na construção deste mesmo mundo, de modo que a análise social não pode descartar esta situação. Schwarcz, em grande medida, percebeu isso, embora não necessariamente via Bourdieu.⁴ Ao argumentar sobre a importância de utilizar a imprensa para estudar escravos e cidadãos na virada do XIX para o XX, diz a autora fazendo uso das palavras de Lima Barreto:

⁴Esta passagem é versão modificada de trecho de igual teor presente em COSTA, Hilton. (2018a). Não sejamos aquilo que desejem que sejamos. Comunicação apresentada no *IX Seminário Nacional Sociologia e Política – Desenvolvimento e Justiça Social: Perspectiva da Sociologia no século XIX*. GT 06 Pensamento Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, de 16 a 18 de maio de 2018; e em COSTA, Hilton. (2018b). Não sejas o que lhe desejam que sejam. Comunicação apresentada no *I Seminário de Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Democracia*. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, de 06 a 08 de junho de 2018.



A própria imprensa se transformava cada vez mais nesse "engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestidigitador, provocando ilusões fantasmagóricas, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina e a estupidez das multidões". (SCHWARCZ, 1987, p. 53).

Os periódicos teriam a capacidade de “criar realidades” segundo determinados referenciais. Referenciais que os próprios periódicos faziam circular, como, por exemplo, as teorias raciais, mobilizadas para manter em um novo cenário as antigas premissas da sociedade brasileira.

Os jornais faziam as ideias, notadamente, das elites políticas e intelectuais circularem e pelo aquilo é possível inferir e depreender da fortuna crítica do período fazer com a população em sentido mais amplo passasse a compartilhar dessas ideias. Ou seja, internalizando a sua suposta inferioridade. Desta feita, a circulação do evolucionismo nos jornais se confundindo com o início da República não parece algo aleatório. A passagem da pessoa escravizada a cidadã criava incômodos importantes na visão de mundo vigente. “Logo, enquanto a República surgia aos poucos, proclamando a igualdade e o direito de cidadania, a “sciência” e o jornal buscavam desmentir o que acusavam de “utopia”.” (SCHWARCZ, L. p 106).⁵

A “sciência” seria imparcial não se moveria por paixões e simpatias, como afirmava Raymundo Nina Rodrigues, importante intelectual do período, ela a “sciência” é que dizia ser a população negra e mestiça inferior, não seria um julgamento individual. (RODRIGUES, R. 1988). Com efeito, coube, então, aos periódicos divulgar a “verdade” da “sciência”. Esta verdade versaria por construir a África como exemplo da anti-civilização, as pessoas negras como violentas por excelência, a ideia do cativo como “processo civilizador” da população negra, a associação automática entre pessoas

⁵ Esta observação da autora está vinculada a análise que ela realiza de matérias publicadas em 17, 18, 19, 20 e 21 de dezembro de 1890 no Correio Paulistano. Nas matérias a pessoa que escrevia no periódico afirmava: “os homens não nascem iguaes abosutamente. Suppoe-se uma igualdade presumida pela lei sem o que não haveria lei.” (SCHWARCZ, L. p 105)



negras e o crime, a incapacidade das pessoas negras para a liberdade, a livre iniciativa, além de fazer circular estas ideias os jornais também faziam ratificar imagens tradicionais sobre a população negra agora sob a égide da “sciência”, ações como a da feitiçaria, bruxaria, magia, depravação sexual, a dependência com atributos inerentes destas pessoas e “prova” de sua inferioridade. Imagens novas e antigas sobre a população negra como associação ao alcoolismo, a tendência ao suicídio e tantas outras são retrabalhadas sobre a égide da “sciência” para comprovar a inferioridade da população negra. (SCHWARCZ, L. p 163-245).

Ao se tomar *Retrato em Branco e Negro* sob o viés da proposta analítica aqui colocada, ou seja, tentar compreender como Schwarcz problematizou as relações raciais no Brasil. Apresenta-se viável neste momento da pesquisa que a análise da função dos jornais, da capacidade deles fazerem circular ideias e criarem realidades não se realizou tão somente pela análise de conteúdo e ou de forma. A análise de Schwarcz procurou indicar como este conteúdo e forma visavam responder a uma questão empírica fundamental para aquelas elites políticas e intelectuais: como manter a desigualdade dentro da igualdade. Não ocorrendo uma utilização simples e ou ingênuo das teorias europeias. Em sentido contrário a imponente assertiva a autora indica que as ideias estavam no lugar. E nesta aplicação das ideias estrangeiras, por assim dizer, para responder demandas locais seja no século XIX, seja no século XX ou mesmo na virada do XX para o XXI um fator primordial para a eficiência da ação estaria na completa negação da capacidade de agência da pessoa escravizada, da pessoa egressa do cativeiro, bem como da população negra. Neste ponto é possível notar a marca de E. P. Thompson no pensamento de Schwarcz, uma vez que a ideia da agência das pessoas é fundamental ao autor inglês, agência passível de ser exercida de diferentes formas, a negação desta agência seja pelos periódicos oitocentistas, seja pela historiografia novecentista seria uma maneira de compreender o movimento de *efeito de teoria* criado,



fazendo as pessoas serem aquilo que não necessariamente elas eram, criando realidades⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ordem discursiva presente nos periódicos buscava e criava, é o que *Retrato em Branco e Negro* nos permite pensar, aquilo que Pierre Bourdieu denominou de *efeito de teoria*. As elites intelectuais que em inúmeros momentos era também a elite política procuraram e pode se afirmar que conseguiram com bastante eficácia criar uma imagem de inviabilidade do povo brasileiro, culpabilizando o mesmo pelo “fracasso” e ou pelo “atraso” do país. De modo, a ser o único caminho para a “redenção” da nação seria criar um povo novo. O caminho para isso seria a imigração europeia. Esta visão das elites fundamenta no evolucionismo, no darwinismo social, nas teorias raciais, em grande medida, ganhou as ruas via periódicos. Assim, os periódicos possuíram um papel significativo na divulgação das ideias das elites por um lado, de outro colaborou substancialmente para a internalização pelo povo brasileiro de sua condição de suposta inferioridade. Em tal contexto poucas vozes emergiram em sentido contrário no interior das elites, cabendo destaque a Manoel Bomfim e Alberto Torres. Estes autores por caminhos diferentes é fato, indicavam não ser o povo o “culpado” pelo “atraso” e ou “fracasso” do Brasil. *Retrato em Branco e Negro* remete o leitor mais atento, a leitora mais arguta a fazer as conexões de conjuntura, localizar a força da herança da visão de mundo escravista em nossa sociedade. *Retrato em Branco e Negro* pode ser tomado então como um trabalho que nos permite notar nitidamente o efeito de teoria, bem como os periódicos criando realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁶ Em seguindo as ideias de E. P. Thompson sobre a agência é possível inferir que as pessoas, mesmo sob as circunstâncias mais adversa detêm a capacidade de agência. E esta capacidade de agência está articulada a uma série de circunstâncias, ou seja, o contexto onde a pessoa está inserida pode aumentar e ou diminuir a capacidade de agência das pessoas, mas não extingui-la.



ALVES, Francisco das Neves. (2004). **Por uma imprensa livre: a luta dos jornais rio-grandinos contra o cerceamento à liberdade de expressão**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

ADOLFO, Roberto Manoel Androni. (2014). As transformações na historiografia da escravidão entre os anos de 1970 e 1980: uma reflexão teórica sobre possibilidades de abordagem do tema. **Revista de Teoria da História**, Ano 6, Número 11, Maio/2014 Universidade Federal de Goiás, p 110-125

BOURDIEU, Pierre. (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das Letras.

_____. (2008a). **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 9.^a Ed. (1.^a Ed., 1996). Campinas, SP: Papyrus.

_____. (2008b). **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.

_____. (2008c). **A economia das trocas lingüísticas: o que falar o que dizer**. 2.^a Ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CORRÊA, Mariza. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. História do PPGAS in: **PPGAS Unicamp** <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/antropologia/historia>.

_____. (2018a). Não sejamos aquilo que desejem que sejamos. Comunicação apresentada no **IX Seminário Nacional Sociologia e Política – Desenvolvimento e Justiça Social: Perspectiva da Sociologia no século XIX**. GT 06 Pensamento Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba de 16 a 18 de maio de 2018

_____. (2018b). Não sejas o que lhe desejam que sejam. Comunicação apresentada no **I Seminário de Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Democracia**, na Mesa Redonda Teoria Social, Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória de 06 a 08 de junho de 2018.

FONER, Eric. (1988). **Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Brasília: CNPq.

MAXIMIANO, Adriano Braz. (2012). **A historiografia brasileira da abolição da escravatura: novas perspectivas ou negações teóricas (1960/70-1980/90)**. In: RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdeir Lopes de. (orgs). **Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-lingüístico e a historiografia: balanço e perspectivas**. Ouro Preto: EdUFOP.



MARQUESE, Rafael de Bivar. (2013). As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e a historiografia sobre a escravidão brasileira. **Revista de História**, São Paulo, Nº 169, julho/dezembro, p. 223-253,

POCOCK, John G. A.. (2003). **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp.

PROENÇA, Wander de Lara. (2007). **Escravidão no Brasil: debates historiográficos contemporâneos**. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"

RODRIGUES, Raymundo Nina. (1988). **Os Africanos no Brasil**. 7.^a Ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: Editora UnB.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. (1987). **Retrato em Branco e Preto: Jornais, escravos e cidadania em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras.

_____. (1989). Escravidão. **Boletim da ABA**, São Paulo, v. 6, p 23-31.

_____. (1988). Jornais e Escravos em São Paulo em finais do século. **Cadernos Estação Ciência**. São Paulo, v. 1, n.1, p 17-27.

_____. (1988). Negros e a Imprensa em São Paulo. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1988, n. 1883, ano 36, p 62-63.

_____. (1988). Retrato em branco e negro. Jornais e escravos em São Paulo no final do século XIX. **Cadernos Estação Ciência**. São Paulo, v. 1, n.1 p 35-52.

SECRETO, Maria Veronica. (2016). Novas perspectivas na história da escravidão. **Tempo** (Niterói, online) | Vol. 22 n. 41. p. 442-450, set-dez.,2016